



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A REALIDADE E A FICÇÃO DE *GIRLCOTT*, DE FLORENZ WEBBE  
MAXWELL: UMA ANÁLISE DE TRADUÇÃO**

**JULIANE MENDES DE SOUZA**

PORTO ALEGRE  
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A REALIDADE E A FICÇÃO DE *GIRLCOTT*, DE FLORENZ WEBBE  
MAXWELL: UMA ANÁLISE DE TRADUÇÃO**

**Juliane Mendes de Souza**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Letras.

Orientador: Ian Alexander

Porto Alegre  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer à minha família:

à minha mãe, Simone, por ser, dentre tantas outras coisas, a melhor mãe do mundo;

à minha avó, Solange, por ser, dentre tantas outras coisas, a melhor avó do mundo;

à minha dinda, Fabiane, por ser, dentre tantas outras coisas, a melhor dinda do mundo;

à minha melhor amiga, Mariana, por ser, dentre tantas outras coisas, a melhor amiga do mundo.

Vocês são poucas, mas são tudo pra mim.

*Find out your gift, concentrate on it, pursue it and one day you'll be able to look back  
and say 'I'm glad I did it'*

*Florenz Webbe Maxwell  
(2018)*

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso será uma análise da tradução do capítulo 15 de *Girlcott*, obra de Florenz Webbe Maxwell, publicada em 2017. Considerando que a obra é uma narrativa ficcional que se espelha em um boicote real contra a segregação racial nas Bermudas em 1959, este trabalho também contará com exposições detalhadas de como esse ato histórico se deu no país. Paralelamente, no mesmo capítulo, será exposto como a autora ilustrou esses fatos históricos no romance, através de uma breve contextualização de como eles aparecem na obra, seguido por uma citação que exemplifique. A análise da tradução é dividida em duas partes: primeiro, a autora apresenta elaboração dos planos temáticos – níveis de temas presentes ao longo da obra, elencados da questão mais visível no texto (1º plano: o enredo), até a mais aprofundada (3º plano: exposição da cultura bermudense) – e desenvolve a importância deles para o processo da tradução, depois, se dá a análise de tradução. A análise é dividida por grupos de elementos tradutórios e dentro de cada grupo serão apresentados trechos que contenham elementos relevantes para aqueles grupos, acrescentando também justificativas para as estratégias de tradução. O objetivo central deste trabalho é fazer uma tradução que converse com o objetivo central da autora de disseminar a história do boicote do cinema que impactou diretamente no fim da segregação racial nas Bermudas, enquanto também mostra e exalta a cultura bermudense. A partir da análise dos trechos propostos, concluiu-se que a tradução final, apoiando-se na utilização dos planos temáticos como bússola para determinar as escolhas tradutórias, foi capaz de entregar um texto de chegada que homenageia a cultura bermudense ao não domesticar o texto para a cultura do texto de chegada, mantendo os elementos culturais do texto de partida e enfatizando os elementos que se relacionam com o ativismo do boicote do cinema.

**Palavras-chave:** Tradução; Análise de Tradução; *Girlcott*; Bermudas; Boicote do Cinema.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Florenz Maxwell, autora de Girlcott, membro do Grupo Progressista e ativista contra a segregação racial nas bermudas.

**Figura 2** - cartaz do cinema "Island Theatre" apresentando o filme "The Buccaneer" de 1958.

**Figura 3** - Resultado geral dos testes de legibilidade.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>10</b>
<b>2. Contexto</b>	<b>13</b>
<b>2.1: Realidade + Ficção = Girlcott</b>	<b>14</b>
<b>3. Tradução</b>	<b>21</b>
<b>3.1: Planos Temáticos</b>	<b>21</b>
<b>3.2: Análise da tradução</b>	<b>24</b>
3.2.1: Religião	24
3.2.2: Cultura Bermudense	25
3.2.3: Ativismo:	28
3.2.4: Rimas e Trocadilhos:	29
3.2.5: Nomes Próprios e Títulos	30
3.2.6: Adições e Exclusões	33
<b>4. Considerações Finais</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>
<b>APÊNDICE A — Tradução final do capítulo 15 de Girlcott</b>	<b>39</b>

## 1. Introdução

O que uma estudante do Bacharelado de Letras brasileira tem em comum com uma escritora bermudense? A vontade de transmitir mensagens. No caso dessa estudante de Letras que vos escreve, meu maior objetivo sempre se relacionou com o disseminar de ideias, então eu entrei para o Bacharelado esperando que a tradução atuasse como um meio para esse fim. Eu não me decepcionei. Descobri que, mesmo com a fama de que o mercado tradutorio de ser extremamente limitado, muitas histórias estão soltas por aí à espera de serem ouvidas e muitos conteúdos estão disponíveis para aqueles que se interessarem, e às vezes só o que falta é alguém com capacidade para fazer o intermédio e o papel de mensageira.

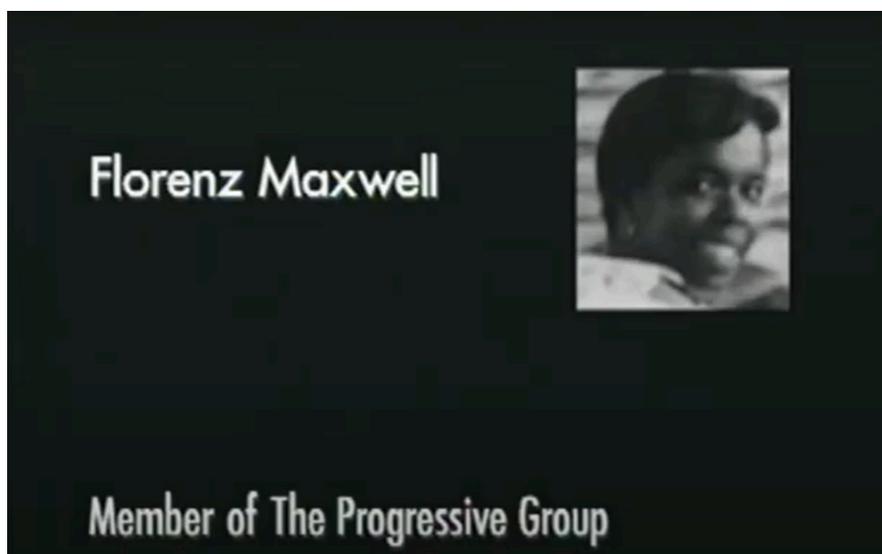
Dentro da UFRGS eu encontrei alguém que parece sentir a mesma coisa que eu pela tradução: meu querido orientador, o professor Ian Alexander. Depois de um semestre cansativo, no último dia de aula, o professor Ian informou que trabalharia com um romance bermudense no semestre seguinte em uma cadeira de Estágio Obrigatório do Inglês e que quem tivesse interesse em participar do projeto seria bem vindo. Eu fiquei chocada quando a maioria da turma só se levantou e saiu da sala. Trabalhar com textos literários é uma raridade dentro da faculdade, e ele estava propondo que traduzíssemos não só um texto literário, mas um texto literário que nunca fora traduzido para o português antes! Quando ele me deu uma breve sinopse de *Girlcott*, eu soube que essa era uma história que eu gostaria de ajudar a contar e hoje, ao escrever esse Trabalho de Conclusão de Curso, eu estou fazendo justamente isso. Estou ajudando Florenz Webbe Maxwell a levar a mensagem de *Girlcott* para o Brasil.

Florenz é uma mulher negra, bermudense, escritora premiada e ativista. Desde pequena manteve uma relação próxima com a leitura e com a escrita, mas sempre se incomodou com a forma derogativa que as pessoas negras eram descritas e representadas nas literaturas que lhe eram acessíveis. Em uma viagem para a Inglaterra, descobriu que sua paixão pela leitura culminava na biblioteconomia, no entanto, só conseguiu emprego como mensageira na biblioteca local das Bermudas pois era um ambiente segregado e somente para os brancos. Florenz decidiu seguir seu sonho e foi para os Estados Unidos se

formar em Biblioteconomia pela Universidade de Atlanta, mas como a segregação racial continuava atuando como política social nas Bermudas, ela não podia atuar na área em seu próprio país.

Motivada a acabar com a segregação racial nas Bermudas, ela se juntou ao Grupo Progressista, a frente ativista da época que lutava contra a política racista. O Grupo era extremamente organizado e reservado em relação a novos participantes, e foi Clifford Maxwell, seu marido, que teve que solicitar uma audiência para que Florenz pudesse integrar o grupo (Figura 1). Ela participou ativamente no boicote do cinema que acarretou diretamente no fim da segregação racial nas Bermudas duas semanas depois. A história do pacífico boicote do cinema que aconteceu nas Bermudas em 1959 é uma que não repercutiu na mídia internacional e Florenz tomou para si a missão de transmitir essa mensagem ao mundo, escrevendo então a obra *Girlcott*, publicada em 2017 (STEFANI, 2021; SIMONS, 2018 ).

Figura 1: Florenz Maxwell, autora de *Girlcott*, membro do Grupo Progressista e ativista contra a segregação racial nas bermudas.



fonte: When[...], 2022.

O romance *Girlcott* se passa nas Bermudas, em 1959, e narra a história de Desma, uma adolescente negra de 15 anos extremamente inteligente e cheia de ambições para o futuro que já tem tudo planejado, desde a sua futura profissão até a sua festa de aniversário: ela iria estudar para ser uma Atuaria

através de uma bolsa de estudos e levaria seus colegas no cinema para comemorar seu aniversário. E tudo estava ocorrendo como planejado até que nada estava mais ocorrendo como o planejado. Não só ela não conseguiu a bolsa de estudos que ela estava certa que merecia, mas ela também não poderia ir ao cinema com seus amigos porque estaria acontecendo um boicote a semana inteira! Ela percebe que, no fundo, esses dois acontecimentos estão conectados na mesma raiz, no racismo, e Desma decide participar ativamente do boicote do cinema ao transformar sua festa de aniversário em uma festa de rua para juntar mais participantes para o ato.

Qualquer semelhança entre a história de Florenz e a de Desma não é mera coincidência. A autora coloca tudo que viveu durante o ato histórico que foi o boicote em uma ficção juvenil e dessa forma consegue transmitir a mensagem que se propôs a levar ao mundo. Entender que há um entrelaçamento entre realidade e ficção em *Girlcott* contribui com outro nível de leitura da obra: começa-se a perceber que a história narrada por Maxwell não é apenas uma história, mas é a história em si.

Então, considerando o que foi previamente dito sobre Florenz Maxwell e a sua obra *Girlcott*, este trabalho propõe dar continuidade aos esforços da autora de internacionalizar e dar visibilidade a história do fim da segregação racial nas Bermudas. Para isso, primeiramente será feito um paralelo entre obra e realidade que detalha como se deu os acontecimentos do boicote do cinema em 1959 e como eles foram representados em *Girlcott*. Depois será feita uma análise da minha tradução para o português do capítulo 15 da obra de Maxwell, que consiste não só na defesa de escolhas tradutórias, mas na apresentação de como essas escolhas foram feitas.

## 2. Contexto

Publicado em 2017 por Florenz Webbe Maxwell, *Girlcott* é, no melhor sentido da questão, um livro de História disfarçado de romance juvenil. A obra narra o boicote de 1959 do cinema segregado nas Bermudas, mas tem como enredo central a trama de Desma, uma adolescente que faz aniversário bem no dia do boicote e acaba se envolvendo no ato. Buscando evidenciar o caráter histórico e a fidelidade aos fatos que Maxwell leva ao romance, a contextualização da obra não só mostrará como se deu o boicote na vida real, mas também ilustrará como ele foi representado em *Girlcott*. As informações sobre o boicote serão retiradas de um documentário que relata o evento histórico do ponto de vista dos principais participantes do ato e de um vídeo no Youtube que expõe a história das Bermudas desde o período colonial até o boicote do cinema. Os paralelos com o romance serão feitos por um comentário breve sobre como a autora ilustrou a realidade na narrativa, seguido por um trecho do romance que evidencia o fato. O documentário “‘When Voices Rise’: Dismantling Segregation in Bermuda” (When[...], 2002) que foi escrito, dirigido e produzido por Errol Williams em 2002, conta com relatos de diversos participantes do grupo que organizou o boicote, Grupo Progressista, e

conta a história importante, mas pouco conhecida, do desmantelamento da segregação na sociedade educada que era as Bermudas na década de 1950. Trabalhando em segredo, o Progressive Group organizou o Boicote ao Teatro de 1959 para acabar com a segregação nos cinemas de Hamilton. (IMDB, tradução nossa)

O vídeo “Theatre Boycott of 1959 (Bermuda)” (BERMEMES, 2020) – produzido pelo canal do Youtube Bermemes, que se propõe a desenvolver conteúdo de qualidade sobre as Bermudas, visando globalizar a história do país ao mesmo tempo que se mantém verdadeiro as suas raízes – serviu de complemento para entender como a construção da história das Bermudas, ou seja, seu período de colônia, resultou na segregação racial que é a problemática na narração de Maxwell.

É importante ressaltar que, o objeto de estudo deste trabalho consiste apenas no capítulo 15 da obra de Maxwell, no entanto, a contextualização apresentará cenas de diversos capítulos para que os casos apresentados no documentário sejam compreendidos em sua totalidade.

## **2.1: Realidade + Ficção = *Girlcott***

Em 1959, ano que ocorreu o boicote do cinema nas Bermudas e ano da narrativa em *Girlcott*, o país estava “comemorando” 350 anos desde a ocupação pelo império britânico, no entanto, a população negra local não via motivos para celebrações pois desses 350 anos, fora escravizada nos 200 primeiros e segregada nos últimos 150. Logo, o racismo estava fortemente enraizado na cultura bermudense quando a população jovem negra local decidiu que era hora de dar um basta. (BERMEMES, 2020)

Nas Bermudas, os residentes negros sentiam na pele a segregação racial desde a infância, quando percebiam que certos grupos de crianças - crianças brancas - recebiam um tratamento diferente do que as crianças negras em atividades comuns do dia a dia, como ir a igreja ou ir para a escola. Esse panorama geral da representação do racismo no país foi retratado por Florenz Web Maxwell, por exemplo, quando no último capítulo a protagonista Desma e o seu amigo George tiveram uma interação problemática com Almira Wallace, a filha (branca) de uma vizinha (branca), e o namorado Nigel. Almira tenta roubar a mobilete nova da protagonista e quando um policial chega ao local para aplacar a situação, ele automaticamente assume que a versão dos fatos de Almira e do namorado é a verdadeira:

– Senhor, ele estava roubando a minha mobilete – Nigel respondeu ao policial tentando esconder um sorrisinho.

[...]

– Ele está mentindo, Senhor. Minha amiga ganhou essa mobilete hoje de presente de aniversário.

E quando o policial encarou Nigel dava pra ver que ele não acreditava em nada que George dizia.” (MAXWELL, p. 163. tradução nossa)

No entanto, não eram só as crianças que sentiam o preconceito diariamente. Os jovens e adultos percebiam que a discriminação ocorria em graus muito mais elevados: a política do país estava enraizada em práticas racistas e segregativas. As poucas representações negras no Congresso da época não eram fortes o suficiente para bater de frente com a oligarquia que controlava o país e o seu quadro político, fazendo com que as demandas sociais sobre o fim da segregação racial fossem ignoradas pelas figuras de autoridades. Tal problemática se exacerbou não só devido a prática da oligarquia de fazer pouco caso de reivindicações que acusassem as discriminações raciais, mas também quando ela enganava os reivindicadores criando comitês de fachada para trabalhar no “planejamento de acordos que agradassem todo mundo”, mas que na verdade não tinham plano de ação nenhum.

Aqui, mais um paralelo pode ser traçado com Girlcott. A existência da representação de pessoas negras que lutavam contra a segregação racial de dentro do cenário político foi representada pela autora através do personagem Sr. Smith, um político que atuava na Assembleia Legislativa. O personagem, apesar de não ter sua história muito desenvolvida no romance, é socialmente ativo de maneira enfática e no capítulo 15 chega a fazer menção à dificuldade de ser escutado e de encontrar apoio dentro da Assembleia.

Eileen disse que o Sr. Smith ligou pra dizer que Bella com certeza apareceria, que ele ficou impressionado com o jeito que eu lidei com a turma e que eu tinha feito eles verem exatamente o que ele tem tentado lutar contra na Assembleia Legislativa. (MAXWELL, p. 152. tradução nossa)

Tanto na vida real quanto no romance, a ação partiu da juventude local! O grupo progressista era composto por jovens amigos que passaram pela experiência de sair das bermudas para estudar em outros países, sentiram um forte choque cultural ao retornarem para casa e se reuniam para discutir o cenário político da época. É importante ressaltar a experiência desses jovens em países como Canadá e Inglaterra, pois, por mais que sofressem com o racismo nesses lugares, não chegavam a sofrer com segregação racial e adquiriram hábitos dos quais eram privados em sua terra natal, como assistir

peças de teatro, por exemplo. Em *Girlcott*, a personagem Tia Desma, tia da protagonista, não fazia parte do Grupo Progressista, mas relata que teve o mesmo tipo de experiência impactante de sofrer mais racismo no país natal do que onde fora estudar, o que acarretou na personagem deixando de vez as Bermudas para ir morar no Canadá.

– Eu admiro muito o posicionamento que você está tomando – disse ela – Eu não soube lidar com a segregação quando me formei, então eu arrumei minhas malas e saí das Bermudas. Era tudo tão velado por aqui que nem os turistas percebiam a discriminação. Não tinha placa em lugar nenhum dizendo onde pessoas negras podiam ou não entrar. A gente parecia só... saber. (MAXWELL, p. 148. tradução nossa)

O Grupo manteve em anonimato suas reuniões e a identidade dos participantes e assumiram inicialmente uma fachada de grupo social, no sentido de que, para quem visse do lado de fora (policiais, por exemplo), eles estariam apenas se divertindo como amigos. No entanto, em ambientes seguros, o assunto era de estratégias para derrubar a segregação racial. Tal atitude teve de ser tomada por dois principais motivos: o primeiro era o medo de repercussões negativas, não só para os membros do grupo, mas também para a família deles, que repentinamente sofriam com questões burocráticas com bancos que podiam chegar a casos extremos que fizessem com que perdessem seus imóveis; paralelamente, os membros também perceberam que, com as próprias identidades, eles não instigavam a curiosidade nem o apoio da população, mas no anonimato, conseguiam gerar engajamentos do povo, fazendo com que ao mesmo tempo que se questionassem sobre quem era o Grupo Progressista e pensassem sobre a pauta que eles traziam.

A importância da anonimidade do grupo progressista foi apresentada por Maxwell de uma maneira interessante: em *Girlcott*, a autora utiliza das justificativas apresentadas para o anonimato (repercussão negativa para os membros e instigar a curiosidade do povo sobre a eles e automaticamente sobre as reivindicações que eles faziam) e as coloca como parte da trama, enfatizando especialmente a questão da secessão de financiamentos imobiliários. Por exemplo, mesmo precedendo o Grupo Progressista, o avô paterno da protagonista perdeu todas as conquistas que tinha feito na vida

depois de discutir com o chefe sobre a desigualdade salarial entre ele e um outro funcionário branco.

– Ele era um bom mecânico, mas depois daquilo ninguém quis mais contratar ele e pouco depois o banco interrompeu o financiamento e tirou nossa casa da gente. Foi depois disso que seu avô começou a beber. (MAXWELL, p. 122. tradução nossa)

O primeiro ato do grupo se deu quando atores de teatro anunciaram que iriam performar nas bermudas em um dos teatros locais, onde somente pessoas de “descendência Europeia não miscigenada” podiam entrar. Membros do grupo que queriam assistir a peça foram até o local com faixas e protestaram contra a prática racista.

Estabelecimentos como teatros, hotéis e cinemas tinham políticas segregatórias enraizadas em suas práticas. Os cinemas, por exemplo, reservavam as poltronas centrais para pessoas brancas e as poltronas laterais e na frente da tela para pessoas negras, o que gerou revolta, visto que a população negra costumava esgotar os assentos designados para eles e, mesmo que tivessem assentos sobrando na parte central, eles não podiam ocupar pois era somente para brancos. Esta cena, sendo uma representação geral da segregação racial nas bermudas, serviu como catalisador para o que seria o maior boicote da história do país: o boicote do cinema.

A situação discutida acima é basicamente o tema central de *Giricott*. Desma planejava comemorar seu aniversário indo ao cinema com seus colegas, mas seus planos são frustrados por conta do boicote. No entanto, apesar do romance de fato focar na prática de segregação em cinemas, a autora também põe a segregação racial nos hotéis como ponto de pauta. Novamente a personagem Tia Desma narra um constrangimento sofrido por ela quando uma ex-colega (branca) de faculdade fora visitá-la nas Bermudas:

– A gente queria ir ver uma banda tocar em um hotel, mas só ela podia entrar. As férias dela viraram uma constante procura por lugares legais que ambas pudessem ir. Eu não sabia onde enfiar minha cara. Eu podia ir em qualquer lugar no país dela, mas era segregada no meu. (MAXWELL, p. 148. tradução nossa)

Paralelamente, a título de curiosidade, na semana do boicote uma variedade de filmes estariam em cartaz no cinema, dentre eles estavam *Reap the Wild Wind* (Vendaval de Paixões), *The Vintage* (Vindima Tragédia) e *The Buccaneer* (Corsário sem Pátria). A autora, mantendo sempre a fidelidade com a história do ato, insere na narrativa que protagonista iria levar seus colegas ao cinema para ver *Corsário sem Pátria* (Figura 2):

[...] a festa do pijama, ver Yul Brynner em *Corsário Sem Pátria*, e eu cortando o meu bolo de aniversário especial enquanto todo mundo canta Parabéns para mim. (MAXWELL, p. 146. tradução nossa)

Figura 2: cartaz do cinema “Island Theatre” apresentando o filme “The Buccaneer” de 1958.



fonte: When[...], 2022.

O segundo protesto visava gerar visibilidade midiática para os membros do Grupo Progressista. Eles decidiram entrar em um cinema e sentar nas cadeiras do meio, área destinada para os brancos, com o único objetivo de serem presos e atrair atenção dos jornais locais. No entanto, eles enfrentaram resistência apenas dos cidadãos brancos que estavam assistindo o filme, mas não tiveram problema nenhum com os atendentes do cinema e muito menos com os policiais. A inércia da polícia evidencia que a segregação racial era uma prática racista que estava enraizada na sociedade bermudense, mas que

não era a lei, como aconteceu nos Estados Unidos com as Leis de Jim Crow até 1965, por exemplo (Revista Raça Brasil, 2021). Essa situação também é retratada em *Girlcott* quando Benny, amigo da protagonista, sem querer, senta-se nos bancos para brancos quando fora assistir um filme em um cinema e nada lhe acontece.

– Ta bom, ta bom. Benny não mexeu um músculo porque ele não tinha ideia de que estava sentado no lado dos brancos. Ele disse pra lanterninha que estava “bem” ali. Então ela chamou um policialzinho britânico, branco né! Ele devia estar em Bermudas há pouco tempo porque não entendeu nada quando a lanterninha explicou o problema.

– E o que aconteceu? – Senti medo por Benny.

– Aí é que tá! O policial tirou um livrinho do bolso, folhou várias vezes e disse pra ela que não tinha lei nenhuma que dizia que Benny tinha que sair dali. (MAXWELL, p. 59. tradução nossa)

Como preparação para o boicote e para disseminar a ideia do mesmo para a população bermudense, o grupo desenvolveu cartazes que continham mensagens informativas do acontecimento do boicote e da importância do acontecimento do mesmo para o fim da segregação. O plano foi colar os cartazes em postes telefônicos por toda a ilha das Bermudas durante a noite, mais precisamente às 22:30, para que ninguém visse o grupo em ação. Esse ato foi celebrado no capítulo 7 de *Girlcott* da seguinte forma: uma noite, Desma saiu escondida de casa com a mobilete rumo a casa de sua melhor amiga, no entanto, ninguém podia vê-la pois ela ainda não tinha carteira de motorista. Quando no caminho, ela se esconde ao ver um carro parar e um rosto familiar descer para pendurar um cartaz em um poste.

O carro parou alguns metros de onde eu tinha me escondido e duas pessoas saíram de dentro dele. [...] A pessoa na minha frente estava desenrolando um pedaço de papel do tamanho de bandeira e depois apareceu uma mulher segurando um potinho com uma coisa branca e espessa que ela passou de fora a fora no papel com a ajuda de um pincel. [...] e ele colou o papel no poste. A mulher olhou para os lados se espreitando e eu levei um choque quando vi quem era: Srta. Borrow, minha professora de matemática preferida. [...] O poster tinha letras pretas

imensas que praticamente berravam: CHEGA DE SEGREGAÇÃO NOS CINEMAS. (MAXWELL, p. 66-67. tradução nossa)

A organização se mostrou evidentemente eficaz quando, no dia proposto, uma multidão apareceu na frente do cinema com cartazes que pediam o fim da segregação racial. O boicote também ganhou voz e oficialidade quando manchetes de jornais noticiaram o acontecimento para os seus leitores. Durante uma semana, de segunda a sexta, cada vez mais pessoas abraçavam e participavam da ação ativista, trazendo discursos e cartazes que expuseram a situação racial política no país. Muitos dos cartazes também pediam pela pacificidade. Uma leitura do boicote feita pelo Grupo Progressista era que a utilização de violência, comum de ocorrer em ações ativistas reivindicadoras, descaracterizaria e deslegitimizaria o boicote que estava lutando contra o que não deixa de ser um tipo de violência. Enfatizando a visão do Grupo Progressista, em *Giricott*, Maxwell aponta a proposta de não violência não só ao mostrar no último capítulo que até adolescentes estavam presentes no boicote e em segurança mas também explicitamente em forma de diálogo entre os personagens como na seguinte fala de Desma para o seu pai quando a mesma informa que queria dirigir a mobilete sozinha até o boicote:

– Mas você mesmo disse que era seguro. Você disse que a multidão era organizada e que ninguém estava procurando problema. Você disse!  
(MAXWELL, p. 156. tradução nossa)

A soma de todas as variáveis apresentadas fez com que o boicote fosse um sucesso e, três dias depois, o cinema anunciou o fechamento, situação que foi vista como uma grande vitória. O principal objetivo do Grupo Progressista não era o fechamento do cinema, mas com esse acontecimento o boicote teve seu fim e transformou-se em um grande protesto, quando então finalmente conseguiram a dessegregação não só do cinema, mas também dos hotéis e dos restaurantes. Considerando que a obra de Maxwell narra somente até os eventos do boicote, o protesto não será debatido neste trabalho.

### 3. Tradução

Seguindo para a análise da obra traduzida, a próxima seção será dividida em duas partes fundamentais: primeiramente será feito um detalhamento das características do texto de partida que foram levadas em consideração para a estrutura geral da tradução, depois será feita uma análise da tradução de trechos específicos que foram subdivididos em tópicos temáticos, aprofundando a explicação do processo tradutório com as suas respectivas justificativas.

O trecho da obra traduzido foi o capítulo 15, e nele acontece a festa de aniversário que a protagonista planejara realizar para juntar seus conhecidos e levá-los para o boicote.

#### 3.1: Planos Temáticos

A primeira vista, o romance de Florenz Web Maxwell pode parecer uma história que narra simplesmente a trama do desenvolvimento de uma festa de aniversário de 16 anos, no entanto, esse enredo serve como uma fachada para uma estrutura narrativa que não só dissemina questões de extrema relevância social, como a existência da segregação racial nas Bermudas e a importância da luta por direitos humanos, mas também introduz ao leitor uma cultura e um fato histórico pouco disseminados internacionalmente. Considerando a importância dos assuntos-chaves dessa estruturação, propõe-se a elencação dos mesmos no que será chamado de planos temáticos e que se ordenam da questão mais visível no texto até as mais profundas, ou seja:

- 1º plano temático: o enredo da festa de aniversário da protagonista;
- 2º plano temático: o ativismo e a luta contra a segregação racial nas Bermudas;
- 3º plano temático: utilização do livro para expor a cultura bermudense.

O 1º plano temático de *Girlcott* pode ser identificado ao contato mais básico com a obra, onde o leitor identifica o enredo geral proposto por Maxwell: Desma, a protagonista, logo fará 16 anos e está planejando levar seus colegas ao cinema para comemorar a data especial, no entanto, ela tem que mudar todos seus planos quando descobre que o cinema será boicotado justamente no dia do seu aniversário. A proposta do enredo possibilita que o leitor faça uma série de suposições sobre a

obra, como por exemplo, a existência de uma linguagem simples característica de uma adolescente de 15/16 anos, o cenário escolar, o envolvimento com os colegas e a dramatização da impossibilidade de fazer exatamente a festa de aniversário pretendida. Tais elementos fazem com que a obra atinja o público jovem, que entram então em contato com a obra através do enredo chamativo e, no entanto, automaticamente consomem também o 2º e o 3º plano temático. Levando em consideração o público-alvo e a narrativa em primeira pessoa da protagonista, a tradução para o português foi feita a partir de uma linguagem coloquial e simples, visando aproximar ao máximo os diálogos com a oralidade e a narrativa a uma fala compatível com a idade e personalidade da personagem principal.

Para confirmar que o objetivo de atingir o público alvo foi alcançado, a tradução final passou por avaliações de leitura como o Índice de Facilidade de Leitura de Flesch (IFLF) e o Índice de Legibilidade Flesch-Kincaid (ILFK). O IFLF utiliza uma fórmula que calcula o comprimento médio da frase e o número de sílabas a cada 100 palavras. O resultado é um valor de 0 a 100, onde 0 é um texto muito difícil de ler, de 60 a 70 é o texto padrão e 100 é um texto muito fácil de ler. Paralelamente, o ILFK utiliza como variáveis a média de palavras por frase e a média de sílabas por palavra e o resultado mede quantos anos de estudo (ou o nível de escolaridade) que o leitor precisa ter para compreender o texto, normalmente considerando de 6 a 10 (anos de estudo) os melhores resultados (GOLDIM ROBERTO, 2003). A tradução para o português do capítulo 15 de Girlicott analisada neste trabalho apresentou pontuações de 72.1 (razoavelmente fácil) no Índice de Facilidade de Leitura de Flesch e 7.5 como grau de graduação de Flesch-Kincaid, como mostra a Figura 3.

**Figura 3** – Resultado geral dos testes de legibilidade.

Resultado: nível 8. Alta legibilidade.

Texto simples. Adequado para adolescentes entre 13 e 14 anos.

Métrica	Pontuação
Teste de facilidade de leitura de Flesch	72.1
Índice Gulepease	64.5
Nível de graduação de Flesch-Kincaid	7.5
Índice de nebulosidade de Gunning adaptado	10.8
Índice de legibilidade automatizado (ARI)	7.0
Índice de Coleman-Liau	8.2

Fonte: ALT - Análise de Legibilidade Textual

O 2º plano temático envolve a luta contra a segregação racial, o que é o cerne e a mensagem central da obra. *Girlicott* é um livro da História Bermudense disfarçado de romance juvenil, no melhor sentido da questão. Entrelaçado ao enredo (1º plano temático), a protagonista descobre junto com o leitor não só a existência e a gravidade da segregação racial em seu país, mas também os movimentos ativistas locais contra o racismo. No entanto, a grande jogada de Maxwell foi utilizar esse enredo fictício como palco para expor situações históricas reais, como por exemplo: a existência do Grupo Progressista, a segregação racial enraizada nas Bermudas e o próprio boicote ao cinema que é narrado ao longo da obra, como explicitado e discutido previamente no capítulo Contexto deste trabalho.

A tradução feita aqui para o recorte proposto (capítulo 15) fez questão de explicitar os elementos do 2º plano temático nos trechos que eles aparecem, visando continuar com o objetivo da autora de ressaltar não só a árdua luta contra o preconceito racial nas Bermudas, mas também a cultura local bermudense pouco representada internacionalmente, o que nos leva ao 3º plano temático.

O 3º plano temático é feito com mais sutileza pela autora e serve para introduzir as Bermudas ao leitor: os costumes, hábitos, cultura, ruas e até a flora local. A autora aproveita a oportunidade que é a publicação de um livro e a possível internacionalização do mesmo para levar os costumes de seu país para o mundo, e faz isso com orgulho e maestria. A inserção dos elementos relativos ao 3º plano temático é feita através dos personagens que servem como veículo de transmissão,

construindo uma narrativa expositiva diretamente para o leitor ou uma cena na qual o personagem faz contato com elementos culturais locais.

A disseminação da cultura local bermudense para o público brasileiro é um dos principais objetivos desta tradução, logo os elementos do 3º plano temático não foram traduzidos a partir de um ponto de vista domesticador. Em vez disso, muitas vezes se optou até por manter trechos no idioma do texto de partida.

É importante ressaltar que a compreensão da existência dos planos temáticos desde o texto de partida impactou as escolhas tradutórias que serão analisadas a seguir, visto que serviu como embasamento, elemento decisivo e “desempatador” da decisão tradutória final.

### 3.2: Análise da tradução

A estrutura da análise será a seguinte:

- Grupo de elementos tradutórios (ex: Elementos Religiosos);
- Breve explicação do porquê e como essa categoria é relevante para o texto;
- Exemplos divididos em um quadro de cotejo do texto de partida alinhado com as duas primeiras versões da tradução mais a versão final (três versões de tradução no total);
- Justificativa e comentário sobre o processo tradutório.

#### 3.2.1: Religião

Elementos religiosos são constantemente mencionados por diversos personagens ao longo do capítulo, o que contribui com os dados encontrados na Enciclopédia Latino-Americana que mostra que em 2010, apenas 7 anos antes da publicação de *Girlocott*, 76% da população Bermudense era devota a alguma religião. (Enciclopédia Latino-Americana, s.d.)

Trecho 1:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
“Gee, thanks Aunt Desma.”	"Tia Desma, <b>muito obrigada!</b> "	" <b>Nossa</b> , tia Desma, obrigada mesmo!"	- <b>Nossa</b> , tia Desma, obrigada mesmo!

**Justificativa:** O termo destacado deriva da interjeição “Jesus” e é usado como um eufemismo para “não proclamar o nome de Deus em vão”. A tradução escolhida percorreu um caminho etimológico parecido e deriva da expressão “Nossa Senhora”. O fato da expressão no texto de partida ser uma “abreviação” caracteriza a tradução final como uma escolha preferível a mais convencional, que seria “Meu Deus”.

Trecho 2:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
“None of that nonsense. <b>Just remember - in all things be thankful.</b> ”	Chega dessas bobagens. <b>Lembre-se: Em tudo daí graças.</b>	Nada dessas bobagens. <b>Não te esquece: Em tudo dai graças.</b>	- Nada dessas bobagens. <b>Não te esquece: “Em tudo dai graças”.</b>

**Justificativa:** O trecho destacado em si não sofreu nenhuma alteração ao longo das reescritas pois é uma menção ao livro 1 Tessalonicenses, capítulo 5, versículo 18 da Bíblia, que já tem uma tradução consagrada. No entanto, o verbo (lembrar ou esquecer) que acompanhou o trecho sofreu alterações para se adequar melhor à proposta de imitar o máximo possível a oralidade em trechos de diálogos.

### 3.2.2: Cultura Bermudense

Essa subdivisão, em sua maioria, destaca os elementos relacionados ao 3º plano temático encontrados no capítulo 15. Eles servem para enfatizar a cultura bermudense e por isso a tradução deu preferência para estratégias que evidenciam e apresentam os elementos, não só os esclarecendo, mas também os enfatizando.

Trecho 3:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
“This is the first birthday in a long time I’ve <b>greased</b> your nose.”	“faz tempo que não consigo te dar uma boa <b>borrada</b> de aniversário”	“faz tempo que não consigo te dar uma boa <b>borrada</b> de aniversário”	- faz tempo que não consigo te dar uma boa <b>engraxada</b> no teu aniversário.

**Justificativa:** Na cultura Bermudense, “greasing” se refere ao costume das pessoas de passarem manteiga no nariz de aniversariantes e o termo se refere a gordura

presente na manteiga. O primeiro termo utilizado (borrar) foi escolhido pela mensagem semântica que combina a noção de sujar e com o movimento físico envolvido na tradição, no entanto, foi utilizado o verbo “engraxar” na tradução final para que a tradição seja compreendida mais facilmente pelo leitor.

Trecho 4:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
...were sitting and chatting on the bench under the <b>loquat tree</b> .	... que estava sentada e papeando com a Dona Williams embaixo de <b>uma das Nespeira</b> .	..., papeando com a Dona Williams embaixo de uma <b>das típicas Nespereiras</b> .	..., papeando com a Dona Williams embaixo de uma <b>das típicas Nespereiras</b> .

**Justificativa:** Nespereiras são árvores comuns nas Bermudas e a autora faz questão de homenagear essa flora em *Girlocott*, tanto que a usa para nomear a rua onde a personagem principal mora com a família (ver Trecho 16). Nesse caso, não se trata do nome da rua, mas sim das árvores que fazem parte da descrição de cenário que a narradora faz para o leitor. Com isso em mente, a tradução do nome da árvore foi feita para que um possível leitor curioso possa identificar e visualizar com mais facilidade o que a narradora pretendia mostrar.

No entanto, uma conexão literária importante se perde traduzindo o nome da árvore. A autora nomeia a rua que a protagonista mora de “Loquat Lane” justamente pela quantidade dessas árvores que existem no local e considerando que o nome da rua não foi traduzido (Ver Trecho 16), dificilmente o leitor juntará as ideias “Nespereiras” e “Loquat Lane” como parte da mesma imagem. Visando, então, criar uma ponte entre uma ideia e outra, a tradução final consta com a adição do adjetivo “típicas” ao texto de chegada.

Trecho 5:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
Mama only baked <b>cassava pie</b> at Christmas and Easter. But this was indeed a special occasion.	Mamãe só fazia <b>bolo de aipim</b> no Natal e na Páscoa, mas essa com certeza também era uma ocasião	Mamãe também só fazia <b>bolo de aipim em ocasiões especiais</b> , como no Natal e na	Mamãe também só fazia <b>bolo de aipim em ocasiões especiais</b> , como no Natal e na

	especial.	Páscoa, e isso só me fez ter mais certeza que o dia de hoje era de fato um dia especial.	Páscoa, e isso só me fez ter mais certeza que o dia de hoje era de fato um dia especial.
--	-----------	--	--

**Justificativa:** Seguindo com o costume da autora de explicitar o que é tradição e costume nas Bermudas, o trecho se refere a uma comida tipicamente feita em épocas de feriados internacionais, como Natal e Páscoa. Duas escolhas foram conscientemente feitas nessa tradução: o uso de “bolo” em vez de “torta”, pois pesquisas sobre o prato mostraram que não se refere ao que é chamado de torta no Brasil; e o uso de “aipim” em vez de qualquer outra variante disponível, pois é o termo mais usado no Sul do Brasil, região que tem como sotaque elementos que foram usados por outros personagens como o “tu”. Além da escolha tradutória do nome do prato, a tradução final acrescentou também o trecho “em ocasiões especiais” ao se referir a datas festivas para que haja melhor fluidez de ideias entre uma frase e outra, ou seja, que fique claro a ideia de que o aniversário da protagonista é uma data tão especial quanto Natal ou Páscoa, por exemplo.

Trecho 6:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
...and cutting my special birthday cake <b>while</b> everyone sang Happy Birthday	...e cortar meu super bolo de aniversário <b>enquanto</b> todo mundo canta o Parabéns.	...todo mundo cantando Parabéns e <b>depois eu cortaria</b> meu bolo de aniversário especial.	...e eu cortando o meu bolo de aniversário especial <b>enquanto</b> todo mundo canta Parabéns para mim

**Justificativa:** O texto de partida retrata a personagem desejando a festa de aniversário que ela tinha inicialmente planejado, o que envolvia ela cortando o bolo enquanto os convidados cantavam Parabéns para ela. Pesquisas sobre o assunto não resultaram na resposta concreta de que esse hábito é de fato um costume Bermudense, mas foi o que a autora retratou no romance. No Brasil, a prática de cortar o bolo é feita após a música terminar, e não durante, no entanto, visando manter a relação direta com o 3º plano temático, a tradução final optou por não realizar uma domesticação e manteve a ordem dos acontecimentos como proposto pela autora.

### 3.2.3: Ativismo:

Considerando a importância do 2º plano temático de Girlcott e que ele tem como tema não só a luta contra a segregação racial mas também a luta por direitos humanos, a tradução para o português evitou o uso de eufemismos em nome do 1º plano temático e explicitou elementos linguísticos que remetem ao ativismo presente na narrativa, muitas vezes utilizando jargões do ativismo brasileiro para que o leitor facilmente identifique o cunho político dos trechos analisados.

Trecho 7:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
"I admire <b>the stand you're taking</b> ,"	"Eu admiro muito o <b>que você está fazendo</b> "	"Eu admiro muito o <b>que você está fazendo</b> "	Eu admiro muito o <b>posicionamento que você está tomando</b>

**Justificativa:** O texto de partida apresenta a tia da protagonista elogiando-a pelo jeito que ela está lidando com a trama da narrativa, por participar do boicote e usar a festa de aniversário como atrativo para convidar os vizinhos a participar da ação. Visando usar a fala da tia para que o leitor entenda o nível político presente no texto, a tradução final usou uma variação da construção "se posicionar" popularmente utilizado em discursos de cunho político na cultura brasileira.

Trecho 8:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
It's so <b>subtle</b> on this island that tourists didn't know there was <b>discrimination</b> .	É tudo tão <b>subliminar</b> por aqui que nem os turistas percebem a <b>discriminação</b> .	É tudo tão <b>velado</b> por aqui que nem os turistas percebem a <b>discriminação</b> .	Era tudo tão <b>velado</b> por aqui que nem os turistas percebiam a <b>discriminação</b> .

**Justificativa:** A fala da personagem expõe a realidade racista na ilha das Bermudas que era escondida não só dos moradores menos socialmente ativos mas também de turistas que não percebiam a prática discriminativa. Os termos destacados para a tradução final são jargões da luta contra o racismo no Brasil que se referem a esse

tipo de preconceito que não é visto pelo resto da sociedade que não sofre por ela, justamente o que a narradora expõe no texto de partida.

### 3.2.4: Rimas e Trocadilhos:

Um dos grandes desafios da tradução para o português é a tradução de rimas e trocadilhos, e *Girlcott* contém inúmeras instâncias dessas figuras de linguagens. O objetivo geral é que a tradução apresente pelo menos uma representação de rima ou trocadilho nos trechos selecionados, mantendo ao máximo o significado do texto de partida.

Trecho 9:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
“Segregation, you’ll drop <b>dead</b> When Girlcott comes with x, y, <b>zed</b> .”	“ <b>segregação</b> , chegou a hora a <b>equação</b> vai te mandar embora/prá fora”	“ <b>segregação</b> , é a tua vez, a <b>equação</b> vai te mandar lá pro xadrez”	“ <b>segregação</b> , chegou a tua vez, a <b>equação</b> vai te mandar lá pro xadrez”

**Justificativa:** Esse trecho tem uma rima ocorre entre as palavras “dead” e “zed”, e inclui termos que remetem a existencia da segregação racial, ao desejo de acabar com a ela, a “Girlcott” e elementos que representam a equação que a protagonista criou para usar como bordão. A tradução final usou como rima as palavras “equação” e “segregação”, já recuperando essas duas noções do texto de partida, e apresenta noções que remetem ao desejo de acabar com a segregação racial.

Trecho 10:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
‘ We <b>Taylor</b> Your <b>Trash</b> ’	‘Vamos <b>taylorar</b> seu lixo’	‘Taylor <b>cuida</b> do seu lixo’	‘O seu <b>lixo</b> é o <b>luxo</b> do Taylor’

**Justificativa:** O trocadilho presente nesse trecho ocorre devido ao duplo sentido da sonoridade da palavra “Taylor” na língua inglesa: usando a grafia “Taylor” é um nome próprio, mas com a grafia “tailor” se refere a profissão de alfaiate e é usado como expressão para adequar alguma coisa. Como a língua portuguesa não permite resolver esse trocadilho da mesma forma, utilizando o nome do personagem como verbo, se optou por uma adaptação do jargão “do lixo ao luxo” na tradução final, que

não só remete a “Tailor”, mesmo que vagamente, com a palavra “luxo”, mas retoma diretamente “Trash” com “lixo”.

Trecho 11:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
Ahead was the adventure at the Theatre <b>Gircott</b> .	A aventura que seria <b>Gircott</b> estava logo ali na frente.	A aventura que seria <b>Gircott</b> estava logo ali na frente.	<b>Gircotar</b> aquele cinema seria uma aventura e eu mal podia esperar.

**Justificativa:** Sem dúvidas, a tradução do título do livro é a mais complicada, pelo menos em relação à tradução do capítulo 16. O termo é um trocadilho com a sílaba -Boy (menino, em inglês) da palavra “Boycott” (Boicote, em português), que a protagonista resolve mudar para -Girl e resulta com a expressão “Gircott”, sendo então “boicote feito por meninas” uma tradução literal e interpretativa para o termo. A solução tradutória final para o termo foi manter a primeira sílaba em inglês e criar um calque lexical (Vinay e Darbelnet, 2004, p. 129).

### 3.2.5: Nomes Próprios e Títulos

Os elementos desta subcategoria também pertencem ao 3º plano temático e apesar de todas as escolhas tradutórias terem sido feitas pensando na evidenciação do 3º plano temático, alguns trechos passaram por alterações domesticadoras, não visando adaptar o trecho para o português, mas para que os leitores identifiquem os elementos mais facilmente.

Trecho 12:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
I insisted that <b>The Platters</b> sing ‘ <b>The Great Pretender</b> ’ over and over...	...eu insisti em ficar ouvindo “ <b>The Great Pretender</b> ” de <b>The Platters</b> ...	...eu insisti em ficar ouvindo “ <b>The Great Pretender</b> ” de <b>The Platters</b> ...	...eu insisti em ficar ouvindo “ <b>The Great Pretender</b> ” de <b>The Platters</b> ...

**Justificativa:** Nomes de artistas, bandas e músicas internacionais se mantiveram no idioma do texto de partida, visando facilitar a identificação dos elementos pelo leitor.

Trecho 13:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
...going to see <b>Yul Brynner</b> in <b>The Buccaneer</b> ,...	...ver <b>Yul Brynner</b> em <b>Corsário Sem Pátria</b> ,...	...ver <b>Yul Brynner</b> em <b>Corsário Sem Pátria</b> ...	...ver <b>Yul Brynner</b> em <b>Corsário Sem Pátria</b> , ...

**Justificativa:** Esse trecho apresenta o nome de um ator russo-americano e o título de um filme americano de 1958. Como mencionado anteriormente no Trecho 12, nomes de artistas se mantiveram no idioma do texto de partida, no entanto, o filme mencionado foi lançado no Brasil com o título “Corsário sem Pátria” que foi utilizado na tradução final.

Trecho 14:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
<b>Mrs. Williams</b> and <b>Mrs. Jennings</b> , who had <b>Willard</b> on her lap,...	<b>Willard</b> estava no colo da <b>Dona Jennings</b> , que estava sentada e papeando com a <b>Dona Williams</b>	<b>Willard</b> estava no colo da <b>Dona Jennings</b> , que estava sentada, papeando com a <b>Dona Williams</b>	<b>Willard</b> estava no colo da <b>Dona Jennings</b> , que estava sentada, papeando com a <b>Dona Williams</b> embaixo de uma das típicas Nespereiras.

**Justificativa:** Nas Bermudas, assim como em diversos outros lugares do mundo, é comum usar o sobrenome de adultos com pouca proximidade e idosos ao se referir a eles. Esse hábito de usar o pronome de tratamento com o sobrenome da pessoa demonstra respeito por ela e dialoga diretamente com a personalidade da protagonista, que é uma personagem reconhecida pelos seus bons modos. No entanto, na cultura brasileira, os pronomes de tratamento estão comumente atrelados ao primeiro nome de quem se fala, ou seja, ao se referir a alguém, não é convencional usar o sobrenome.

Essa divergência de costumes gera uma problemática na tradução de trechos como o acima, onde a única opção do tradutor que queira optar pela convencionalidade seria inventar nomes para essas personagens. No entanto, a tradução final optou por enfatizar o 3º plano temático e, julgando como costume bermudense, manteve os sobrenomes, alterando somente os pronomes de tratamento “Mrs”, que normalmente seriam traduzidos para “Sra.” por “dona”. Outro ponto a ser destacado

é que também não houve adaptação dos nomes de personagens que foram apresentados somente pelo primeiro nome.

Trecho 15:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
<b>“Grandfather and Grandmother Johnson?”</b>	"São <b>Vovô e Vovó?</b> "	<b>"Vovô e Vovó?"</b>	- É a <b>Vovó e o Vovô Johnson,</b> né?

**Justificativa:** A questão do trecho acima se assemelha ao que foi descrito no Trecho 14, mas no caso específico do trecho destacado do texto de partida, a narradora usa o sobrenome dos avós paternos para questionar se são eles na foto. Nessa questão, a protagonista mostra que utilizar o sobrenome de adultos fora do círculo familiar e de idosos é do costume bermudense e atua como uma forma de demonstrar respeito. A tradução final mantém o sobrenome dos avós para novamente não prejudicar o 3° plano temático.

Trecho 16:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
The screams escorted us right out of <b>Loquat Lane</b> and part of the way on to the <b>North Shore Road</b> .	A gritaria acompanhou a gente durante toda a <b>Rua das Nespereiras</b> e mais um pedaço da <b>Rua North Shore</b> .	A gritaria acompanhou a gente da <b>Rua Loquat</b> até um pedaço da <b>Rua North Shore</b> .	A gritaria acompanhou a gente da <b>Rua Loquat</b> até um pedaço da <b>Rua North Shore</b> .

**Justificativa:** Em *Gircott*, a autora faz diversas descrições de características reais das Bermudas e dentre elas pode-se destacar a geografia da narrativa que introduz o leitor a ruas e avenidas reais da ilha. A rua “Loquat Lane” não é uma rua real, mas a grande maioria das outras, como por exemplo a “North Shore”, são reais e podem ser encontradas com uma simples pesquisa caso o leitor se interesse por pesquisar. Visando também representar os elementos Bermudenses o mais fielmente possível, a tradução final apresenta o nome das ruas como propostas no texto de partida.

### 3.2.6: Adições e Exclusões

Esses trechos se referem a escolhas tradutórias que não se encaixam em nenhuma das subcategorias anteriores mas, de qualquer forma, merecem atenção.

Trecho 17:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
<p>– [...] When you come back <b>we want you to relax</b> so that your guests will see a cheerful birthday girl this afternoon.</p> <p><b>Mama was adamant about my not helping with any of the preparation.</b> After I returned from getting the license, Papa took the Mobyette over to the garage[...]</p>	<p>– [...] <b>E depois, vai descansar!</b> Nós queremos que seus convidados cheguem essa tarde e vejam uma aniversariante feliz e animada.</p> <p><b>Mamãe falou sério sobre eu não ajudar com os preparativos.</b> Quando eu cheguei com a carteira de motorista, papai trouxe a mobilete da oficina/mecânica</p>	<p><b>E depois, vai descansar!</b> Nós queremos que seus convidados cheguem e vejam uma aniversariante feliz e animada.</p> <p><b>Mamãe falou sério sobre querer que eu descanse e não me deixou ajudar com nenhum dos preparativos.</b> Quando eu voltei com a carteira de motorista, papai tirou a mobilete da oficina e a deixou na garagem para que todos pudessem ver.</p>	<p><b>E depois, vai descansar!</b> Nós queremos que seus convidados cheguem e vejam uma aniversariante feliz e animada.</p> <p><b>(exclusão)</b> Quando eu voltei com a carteira de motorista, papai tirou a mobilete da oficina e a deixou na garagem para que todos pudessem ver</p>

**Justificativa:** Os trechos destacados no texto de partida e na Tradução 1 dialogam entre si e se referem a mesma coisa, ou seja, o leitor deveria entender que na fala da mãe “E depois vai descansar”, se refere à “não ajudar com os preparativos”. No entanto, na língua de chegada, a conexão entre as duas frases se perde. A tradução 2 propõe uma inclusão que retome a frase anterior, mas o trecho foi excluído ao todo tradução final, pois ele não dialogava com nenhuma das frases ao seu redor.

Trecho 18:

Texto de Partida	Tradução 1	Tradução 2	Tradução Final
She <b>blinked</b> , stood	Ela <b>piscou</b>	Ela <b>piscou</b>	Mas então ela se

up, and pulled me to my feet.	<b>algumas vezes,</b> se levantou fazendo com que eu a imitasse.	<b>algumas vezes,</b> se levantou e me tirou da cama também.	levantou, <b>fez com que as lágrimas sumissem em um piscar de olhos,</b> e me puxou da cama
-------------------------------	--	--	---

**Justificativa:** O significado semântico pretendido pela autora no texto de partida se perde completamente no texto de chegada sem a adição de um complemento que explicita o efeito do verbo. Ou seja, dizer que a personagem “pisca e levanta” não tem valor semântico para mostrar a imagem que o termo propõe. A tradução final não recupera a ideia semântica inicial do texto de partida (que seria algo como “piscar até que passe a vontade de chorar”), mas propõe uma modificação da ideia semântica ao recuperar o verbo “piscar” na expressão “em um piscar de olhos” (que passa a ideia de rapidez).

#### 4. Considerações Finais

A tradução de *Girlicott* foi uma das tarefas mais gratificantes e empolgantes que eu tive dentro da UFRGS, no entanto, isso não quer dizer que foi uma tarefa fácil para mim. Não só o texto se mostrou um grande exercício que demandou a utilização de diversos conhecimentos que eu adquiri ao longo da faculdade, como também me fez questionar cada passo que eu dava ao longo do processo. Traduzir essa obra já é mais do que fazer um Trabalho de Conclusão de Curso, é agora participar ativamente na soma de vozes que conta uma história ao mundo.

É importante, no entanto, se questionar qual foi o papel que eu atuei ao contar essa história. Definitivamente não foi uma história que eu vivi nem senti na pele. O que uma escritora bermudense e uma estudante brasileira não têm em comum? Uma das muitas coisas seria que essa estudante não sofreu com racismo nem com segregação racial, questões que são temas centrais da obra traduzida. Logo, meu papel ao traduzir *Girlicott* não é ser a voz que passa essa mensagem, a autora já assume esse papel e o desempenha com maestria, mas sim atuar como um veículo que possibilita disseminar a principal voz, a voz de Florenz Webbe Maxwell.

O método que eu julguei mais eficaz para ajudar a trazer para o Brasil a história que Maxwell conta foi fazer uma tradução que ativamente escolheu enfatizar as características culturais que a autora insere na obra, o que não é uma tarefa que me foi automática. Muito do que os estudos de tradução nos ensinam tem ligações diretas com traduções que buscam convencionalizar o texto de partida para a cultura do texto de chegada, ou seja, fazer o texto traduzido adaptar termos, hábitos e costumes para evitar o estranhamento do leitor. Essa “cultura do convencional” é tão forte que, mesmo eu sabendo que o objetivo da tradução de *Girlicott* era prestar homenagem à cultura bermudense, eu ainda fiz versões de traduções que fossem domesticadoras.

A elaboração da divisão dos planos temáticos foi de extrema importância para a tradução final e para a análise tradutória, pois colocou em perspectiva e evidenciou que *Girlicott* é uma obra que perde completamente o sentido e o seu objetivo central se a tradução não enfatizar a cultura bermudense e o cunho político da narrativa. A partir da análise da tradução final, percebe-se que os planos temáticos foram de fato considerados e que os elementos presentes em cada uma

das categorias foram mantidos o mais fiéis o possível do texto de partida e logo, da mensagem que a autora escolheu dar voz.

Por fim, partindo do pressuposto de que traduções de *Girlocott* devem enfatizar os elementos que são apresentados no texto de partida, possíveis pesquisas sobre quais outros métodos possíveis tradutores encontrariam para homenagear os planos temáticos da obra. Ademais, partindo da premissa de que a obra continuará a ser traduzida, é válido considerar quais grupos de elementos tradutórios surgiram em outros capítulos partindo de uma análise que também implemente a utilização dos planos temáticos.

## REFERÊNCIAS

BERMEMES. **Theatre Boycott of 1959 (Bermuda) | BERMEMES**. YouTube, 2 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zIYXCdTxB-4&t=113s>>. Acesso em: 2 fev. 2024

Enciclopédia Latinoamericana. Bermudas. **Enciclopédia Latinoamericana**. Disponível em: <<https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/b/bermudas>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

GOLDIM ROBERTO, José. 2003. Índices de Legibilidade de Flesch. **UFRGS**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bioetica/ilfk.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

Marco P. M. de Souza, Gleice C. de L. Moreno, Nelson Hein, Adriana Kroenke. **ALT - Análise de Legibilidade Textual**. [Online]. Disponível em: <<https://legibilidade.com/>>. Acesso em: 02 fev 2024

MAXWELL WEBBE, Florenz. 2017. **Girlicott**. Blouse & Skirt Books: Jamaica.

As Leis de Jim Crow em tempos de Black Lives Matter - **Revista Raça Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://revistaraca.com.br/as-leis-de-jim-crow-em-tempos-de-black-lives-matter/>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

SIMONS, R. 2018. Author: Florenz Webbe Maxwell. **RG Magazines**. Disponível em: <<https://www.rgmags.com/2018/02/author-florenz-webbe-maxwell/>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

STEFANI, Jacques. 2021. Florenz Webbe Maxwell. **Conyers**. Disponível em: <<https://www.conyers.com/wp-content/uploads/2021/02/Jacques-Stefani-Florenz-Webbe-Maxwell.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. A methodology for translation. **The translation studies reader**, p. 84-93, 2000.

WHEN Voices Rise: Dismantling Segregation in Bermuda. Direção: Errol Williams. Produção: Errol Williams. Canadá: [s. n.], 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x-MY0PbgXCc&t=4228s>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

WILLIAMS, E. **When Voices Rise...** Disponível em:  
<<https://www.imdb.com/title/tt0320760/>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

## APÊNDICE A — Tradução final do capítulo 15 de *Girlcott*

– Feliz aniversário, Desma!

Mamãe disse entrando no meu quarto. Antes mesmo que eu conseguisse virar e olhar para ela, senti um tantinho de manteiga sendo espalhado no meu nariz e o susto que eu tomei com a meleca macia e cremosa fez com que eu desse um pulo pra trás e caísse direto nos braços de papai.

– Finalmente conseguimos te pegar – Disse ele rindo ao me entregar um paninho úmido - faz tempo que não consigo te dar uma boa engraxada no teu aniversário.

Isso era verdade. A última vez que meus pais conseguiram me surpreender com a antiga tradição Bermudense foi no meu aniversário de oito anos. Aqui, nenhum lugar é seguro quando se está de aniversário. Até na escola você tem que ficar de olho, especialmente na minha, porque Hugh e Dedrick adoram engraxar todo o rosto das pessoas, não só no nariz como é o costume. Por um segundo fiquei aliviada pensando na ideia de não ter que me preocupar com aquilo porque era um sábado, mas depois eu lembrei que eles foram os únicos que realmente confirmaram presença na minha festa.

– Eu queria era saber quem inventou essa história de engraxar nariz e qual era pra ser a graça disso – Eu disse, tentando parecer irritada mas falhando miseravelmente ao ver meus pais sorrindo de orelha a orelha.

– A tradição existe desde que eu me entendo por gente e a graça é justamente ver o aniversariante espiado o dia inteiro.

– Talvez ter sido pega seja um mau sinal – eu disse lembrando de toda a dificuldade que foi fazer essa festa de aniversário.

O sorriso da mamãe mudou para uma expressão séria, ela segurou meus ombros e disse:

– Nada dessas bobagens. Não te esquece: “Em tudo dai graças”. Agora vai se arrumar de uma vez e para ir lá tirar essa carteira de motorista. E depois, vai

descansar! Nós queremos que seus convidados cheguem e vejam uma aniversariante feliz e animada.

Quando eu voltei com a carteira de motorista, papai tirou a mobilete da oficina e a deixou na garagem para que todos pudessem ver. Era realmente uma belezinha e eu dei graças a Deus que não tinha como dar nada de errado com aquele presente.

Todos estavam movendo montanhas para que eu realmente tivesse um feliz aniversário. Um bilhete de Eileen em cima da minha mesa me informou que Benny tinha transformado a minha equação em um cartaz lindo: "Esperamos que goste. Tu já tinha saído pra fazer a carteira quando trouxemos ele. Temos que correr pra nos arrumar pra festa. Tô doida pra ver o que você vai usar."

Olhei a equação no cartaz. As letras eram vermelhas e contornadas de preto.

Eu me imaginei no boicote, segurando o cartaz bem alto pra todo mundo ver: "Se A é o Girlcote na luta por justiça, então  $A = x + y + z$ . X é conhecimento, Y é integridade e Z é ação."

Eu tentei não pensar muito na lista de convidados que mostrava que só os engraçadinhos confirmaram presença. Ontem, quando avisei meus pais que a maioria dos meus colegas não viriam, papai resolveu convidar o pessoal da igreja na esperança de aumentar um pouquinho a quantidade de gente na minha festa, mas horas depois ouvi ele dizendo para mamãe que muitos não viriam, com a desculpa de que se desse alguma coisa errada no boicote, eles não queriam estar contra a lei. Somente o jovem pastor Timothy e o bom e velho reverendo Madders e sua esposa confirmaram que viriam pois eram contra a segregação e queriam dar uma força para minha festa.

Me atirei na cama e voltei minha atenção para a roupa do meu aniversário que mamãe tinha deixado ali. O vestido verde menta com gola U e saia bufante parecia inapropriado agora que a festa seria na rua e todos iríamos para um boicote depois. Mas eu tinha que usar ele hoje. Seria muita ingratidão da minha parte se eu não usasse. Mamãe até contratou a Sra. Jones, uma costureira chique, para fazer o vestido igual a de um modelo que eu vi em uma revista. Ela comprou até um cintinho, já que, mesmo estando na moda, eu não quis que o vestido em si fosse acinturado.

Sentei na beira da cama e escondi a tristeza do rosto com as mãos. Eu sabia que tinha que me arrumar e ir pra oficina receber a minha meia dúzia de convidados, mas eu não conseguia parar de lamentar pelo o que quase foi a minha festa de aniversário: a festa do pijama, ver Yul Brynner em Corsário Sem Pátria, e eu cortando o meu bolo de aniversário especial enquanto todo mundo canta Parabéns para mim. Eu ia até exibir a minha mobilete que papai pintou de azul para imitar o modelo que só lançaria no final do ano. Mas isso tudo mudou em menos de uma semana.

Eu estava tão ocupada me vitimizando que nem percebi alguém entrando no meu quarto até sentir um abraço.

– Eu juro que bati na porta – disse uma voz familiar – Pensei que já estaria pronta pra festa a essas horas.

Virei e soltei um grito tão alto que era capaz de ensurdecer alguém.

– Tia Desma! Mentira que tu veio! – Titia afrouxou o abraço e eu consegui ver melhor o terninho de linho cor de rosa que ela estava usando.

– Olha, eu espero que seja verdade – ela disse e soltou uma risada baixinha e rouca, igualzinha a que eu ouvia há oito anos atrás, antes de ela se mudar pro Canadá.

Tia Desma me puxou para perto e me apertou tão forte que parecia que nossos corpos estavam se fundindo em um só, e uma onda de calma percorreu meu corpo.

Ela segurou minhas mãos e nós ficamos nos olhamos, mas ninguém falava nada.

Foi titia quem quebrou o silêncio.

– Olhe só você, Desma. Se tornou uma mocinha tão linda. Eu estou tão orgulhosa! Uma festa de rua e depois um boicote?! Eu nunca teria pensado nisso na sua idade. Se tudo isso tivesse acontecido na minha festa de dezesseis anos, eu só teria ficado bicuda por não conseguir fazer o que eu tinha planejado.

– Quando que você chegou, titia? – Foi o que eu disse. Não quis contar para ela o que eu estava pensando a só dois minutos atrás.

– Ontem – ela disse fazendo carinho na minha nuca – Seu pai me pegou no aeroporto, mas eu passei a noite na casa de uma amiga. Minha escola entrou de férias de verão mês passado e eu consegui programar essa viagem surpresa pro seu aniversário.

Tia Desma era diretora de uma escola particular em Ottawa. Eu me lembro que, assim eu fiz dez anos, ela queria que eu fosse morar com ela porque achava que eu teria mais oportunidades em uma cidade grande.

E então eu percebi que os olhos dela ficaram marejados:

– Eu devia ter ficado nas Bermudas para lutar – disse ela com a voz vacilante e eu senti o carinho nas minhas costas vacilar – Eu tinha que sair daqui, Desma. Eu só tinha que sair daqui – Mas então ela se levantou, fez com que as lágrimas sumissem em um piscar de olhos, e me puxou da cama – Mas não tem porquê eu ficar aqui choramingando no dia do seu aniversário.

A voz dela soava igualzinha à que papai usava para falar de quando ele era jovem.

Ainda segurando minhas mãos, tia deu um passinho para trás para me ver melhor e eu fiquei surpresa ao perceber que estava um pouquinho mais alta que ela, já que tia Desma não era uma mulher baixa.

– Talvez falar sobre isso faça com que você se sinta melhor – Eu disse. Titia sorriu e foi como se eu estivesse me olhando no espelho. Nós somos tão parecidas que as pessoas pensam que ela é minha mãe. Não é só o rosto com o mesmo formato de coração ou a mesma pele escura, mas também o mesmo cabelo volumoso e preto que forma na testa o que mamãe chama de bico de viúva – mesmo que nenhuma de nós nunca tenha se casado. O sorriso, grande e que mostrava duas fileiras de dentes branquinhos mas com os dois da frente separados, também era igual ao meu.

– Eu admiro muito o posicionamento que você está tomando – disse ela – Eu não soube lidar com a segregação quando me formei, então eu arrumei minhas malas e saí das Bermudas. Era tudo tão velado por aqui que nem os turistas percebiam a discriminação. Não tinha placa em lugar nenhum dizendo onde pessoas negras podiam ou não entrar. A gente parecia só... saber.

– E eu não entendo como nada disso me incomodou até eu descobrir que não poderia mais ir ao cinema com meus colegas.

– É que até então não te afetava diretamente – explicou ela – Só me atingiu quando uma colega da faculdade veio me visitar e eu descobri que ela podia entrar em lugares que eu não podia, só porque ela era branca.

– Que lugares? – Essa era uma parte da segregação que ainda me intrigava.

– A gente queria ir ver uma banda tocar em um hotel, mas só ela podia entrar. As férias dela viraram uma constante procura por lugares legais que ambas pudessem ir. Eu não sabia onde enfiar minha cara. Eu podia ir em qualquer lugar no país dela, mas era segregada no meu.

Fechei os olhos e tentei imaginar essas Bermudas que eu estava recém conhecendo.

Tia Desma exalou.

– Vamos logo para a oficina antes que a sua mãe apareça para ver porquê estamos demorando tanto. Eu recebi ordens claras de te levar pra lá antes que seus convidados cheguem.

E, voltando ao seu tom de voz normal, ela disse:

– Ah, eu tenho uma surpresa pra você. Quase me esqueci.

A risada dela era tão melodiosa que eu poderia dançar. Ela tirou uma caixinha de couro de dentro do bolsinho do terno e pôs na minha mão.

– Aqui. Um presente especial para um aniversário especial. Abre!

Eu perdi o fôlego quando vi o que tinha dentro. Aconchegado em cetim branco estava um medalhão prata, todo ornado com florzinhas delicadas.

– Tem uma surpresa dentro – disse ela baixinho.

E quando abri, vi um homem e uma mulher com os rostos coladinhos e sorrisos enormes.

– É o Vovô e a Vovó, né? – eu perguntei já sabendo a resposta pois tinha uma foto deles enfeitando a lareira da sala – Nossa, tia Desma, obrigada mesmo!

E apertei ela dentro de um abraço.

Ela falou baixinho:

– Meu pai deu esse medalhão para minha mãe quando ela fez trinta e dois anos. Um ano depois, ele perdeu tudo que tinha. O medalhão me foi dado quando eu fiz dezesseis anos e agora estou passando a você no seu aniversário. Ele é um talismã para mim, sempre me deu coragem. Espero que faça o mesmo para você.

Ela pôs o colar no meu pescoço com o medalhão ainda aberto e eu percebi que ela estava pensando no Vovô e em como ele morreu. Ficamos em silêncio por um momento, olhando para imagem daquelas duas pessoas que foram injustamente prejudicadas por um ódio tão descabido.

Um leve arrepio percorreu meu corpo quando fechei o medalhão, como se meus avós estivessem me dando bênção. Tia Desma apertou meu ombro e disse que eu deveria estar me arrumando para receber meus convidados.

Decidi usar o vestido depois que titia disse que ele era perfeito para aquela ocasião tão especial e ela me ajudou a arrumar meu cabelo de um jeito legal que não ficasse tapando meus olhos. Mesmo depois de todo fuzuê que foi me arrumar pra festa, conseguimos sair antes que mamãe viesse nos buscar dizendo que eu já estava atrasada para recepcionar os meus convidados.

Descendo a Rua Loquat junto de titia eu percebi que nem ligava mais pro fato da minha festa de rua não ter saído do jeito que eu tinha planejado. Tia Desma era como mágica – como um talismã, na verdade. Segurei o medalhão e pensei no tanto que o meu posicionamento e a minha visão de mundo tinha mudado em apenas duas semanas. Se não fosse pelo boicote eu seguiria minha vida achando que era a menina mais sortuda das Bermudas por não ter preocupação nenhuma na vida.

Quando chegamos, vi três mesas compridas rodeadas com flores de hibiscus e cheias de pratos cobertos por guardanapos branquinhos. Willard estava no colo da Dona Jennings, que estava sentada, papeando com a Dona Williams embaixo de uma das típicas Nespereiras. A mãe das gêmeas estava tão tranquila que não pude

deixar de me questionar onde que Julie e Jolie estariam embibocadas, já que à essas alturas era pra estarem criando o caos por aqui. Dona Charter estava perto das mesas com a mamãe e já estava devorando uns sanduíches. O lugar estava quieto demais para uma festa de rua, mas eu estava nem aí agora que tia Desma estava aqui comigo.

– Cadê todo mundo? – Eu perguntei, tentando não soar decepcionada. Nem Eileen tinha chegado ainda e ela já tinha passado lá em casa antes para deixar o cartaz. Foi aí que eu lembrei que era para eu ter trazido o cartaz para a festa, mas a julgar pelo andar da carruagem, eu só iria precisar dele quando fossemos pro boicote mesmo.

Dona Charter deu de ombros enquanto pegava outro sanduíquinho do prato. Se dependesse dela não sobraria comida nenhuma, mesmo que mais ninguém viesse.

– Por que você não leva sua tia na garagem pra ela ver sua mobilete? – Sugeriu mamãe sorrindo – O vestido ficou lindo, que bom que você decidiu usar.

– É um vestido especial. Obrigada, mamãe – Esse era um aniversário especial, em vários sentidos.

Levei a tia Desma pela mão para dentro da garagem e uma onda de vozes praticamente me jogou pra fora de novo.

– Surpresa!

Ainda bem que mamãe e Dona Williams nos seguiram para ver a minha reação e serviram de apoio pra eu não cair.

Escondi meu rosto com as mãos e ri até minha barriga doer. Depois de vários “o quê?!” “como?!” “ãhn?!” e de me recuperar da tosse pós-ataque-de-riso, a primeira pessoa que eu vi foi Eileen, pulando e gritando mais alto que todo mundo. Depois de um tempo, reconheci vários rostos familiares e vi que vários dos meus colegas estavam ali, incluindo George e, acredite se quiser, Charity Lambe, que sorria como se sua vida dependesse disso.

Fiquei envolvida por abraços e felicitações por um bom tempo. Hugh estalou um beijo molhado na minha bochecha e, só pra me envergonhar, disse:

– Sortuda, hein! Uma festona de dezesseis anos e o primeiro beijo, comigo ainda, no mesmo dia.

– Cadê a manteiga pra eu engraxar o nariz dela? – berrou Dedrick.

– Tá atrasado – eu disse vitoriosa – já conseguiram me engraxar hoje.

Todo mundo caiu na risada, incluindo eu, muito a contragosto e querendo chutar Dedrick e Hugh até a lua. Dona Charter, com a boca cheia de sanduíches e também querendo participar, gritou por cima das risadas:

– Tasca outro beijo nela – disse pra Hugh – É um bom começo! Depois vem o casamento e logo logo Desma vai estar empurrando um carrinho de bebê.

– E fim papo! – A voz de papai ecoou de dentro da garagem e em dois pulos ele estava do lado de fora, perto de Dona Charter – Vamos comer, pessoal. – Ele disse olhando pra vizinha que já estava com a boca cheia – Mas antes, o reverendo Madders irá abençoar a comida.

O reverendo avançou e quando todos fizeram silêncio ele olhou para o céu e lembrou Deus de uma longa lista dos nossos pecados a serem perdoados. Dedrick, que estava ao meu lado, disse baixinho que ia passar uma vaquinha pra ajudar aqueles que caíram mortos de fome de tanto esperar. Eu consegui impedir ele bem na hora que soou o “Amém” coletivo, indicando o fim da benção do ministro.

A comida era tanta e estava tão boa que Dona Charter estava ficando pra trás de tanto todos comiam. Eu e Eileen achamos um lugarzinho perto da garagem para comer a imensidão de comida que cada uma se serviu. Ela contou que na noite anterior o telefone dela quase caiu do gancho de tanto que os nossos colegas ligaram avisando que não só queriam vir na festa de rua, mas também participar do boicote depois. Eles contaram para os pais o que eu tinha dito sobre meu avô ter perdido o financiamento, sobre Sr. Riddles, sobre a prática do direito de voto limitado e isso fez com que muitos se lembrassem de momentos que também sofreram com a segregação. Um enorme sorriso estampou meu rosto quando ela me falou que o pai da Charity disse que Deus ajuda aqueles que ajudam a si mesmo e que por isso ela poderia vir me ajudar.

Quando eu falei com Charity sobre isso, o que ela me disse foi:

Deus é justo e Ele quer que seus filhos lutem contra injustiças.

Ninguém se preocupava mais com a anonimidade do Grupo Progressista nem com os perigos que poderiam aparecer no boicote. Olhei ao redor e fiquei feliz em ver minha turma em peso ali. Até Bella Smith tinha aparecido com suas damas de companhia. Aquilo sim era uma surpresa! Eileen disse que o Sr. Smith ligou pra dizer que Bella com certeza apareceria, que ele ficou impressionado com o jeito que eu lidei com a turma e que eu tinha feito eles verem exatamente o que ele tem tentado lutar contra na Assembleia Legislativa.

As damas de companhias vieram, mas não ligaram pra avisar – disse Eileen. Demos boas risadas olhando para elas, agrupadas perto da mesa, com os pratos cheios e aparentemente se divertindo.

– Que bom que elas vieram – Eu disse com sinceridade.

George também estava sentado perto da mesa, mas com Dedrick e Hugh, e de vez em quando eu pegava ele olhando pra mim. Eu fingi não perceber e continuei papeando com Eileen.

– Eu só como bolo de Aipim em ocasiões especiais – Hugh gritou do nada enquanto se servia de mais comida. Ele mostrou o prato com três fatias grandes de bolo empilhadas, garfou o pedaço de cima e anunciou:

– Aipim com frango – depois o pedaço do meio – Aipim com porco – e ele exalou o aroma do último e disse feliz da vida – Só o aipim. Ó, o maravilhoso aipim.

Todo mundo riu e pela primeira vez na vida algo que Hugh fez não me irritou. Mamãe também só fazia bolo de aipim em ocasiões especiais, como no Natal e na Páscoa, e isso só me fez ter mais certeza que o dia de hoje era de fato um dia especial. Tudo foi especial – a chegada da tia Desma, meu novo talismã e meus convidados que realmente vieram! Era gente de todo lado: da escola, da igreja, os vizinhos e tinha até gente que eu nem conhecia. Até Frank estava na festa, conversando e rindo com Papai com a boca cheia de comida.

– A maioria dessas pessoas são penetras – Eileen sussurrou olhando ao redor – Sentem cheiro de festa e só aparecem.”

Eu percebi que ela não gostava nenhum pouco daquilo, mas ninguém estava causando problemas e aquilo era, no final das contas, uma festa de rua. Toda hora mamãe sumia para dentro de casa com os braços cheios de presentes para serem abertos mais tarde. Depois de dançar minhas músicas preferidas, eu insisti em ficar ouvindo “The Great Pretender” de The Platter até que Eileen sorrateiramente mudou para “Prisoner of Love” do Billy Eckstine e as danças ficaram mais animadas.

Eu dancei várias músicas com George até que os engraçadinhos estragaram a brincadeira quando pediram para dançar comigo. Eu tive que ser educada e aceitar porque eles eram meus convidados, mas quando as gêmeas me puxaram para brincar de amarelinha eu fui pulando era de alegria.

Mamãe avisou a todos pouco antes do pôr do sol que era hora de cortar o bolo e que depois todos deveriam se preparar para ir pro boicote. Imediatamente, meus convidados se juntaram ao redor da mesa onde mamãe tinha colocado o maior bolo de aniversário que eu já tinha visto. Dona Williams deve ter assado umas doze fornadas de bolo! Era gigante! Por uns segundos, todo mundo só apreciou o bolo. Dava pra ouvir vários “Uau!” e “Que lindo!”, e era completamente merecido. O bolo era todo branco com lindas rosas vermelhas de merengue fazendo contorno. Minha equação foi escrita com a mesma letra do cartaz bem no meio, e em cima tinha um “Feliz Aniversário, Desma!”. Entre isso tudo tinha dezessete velinhas brancas, uma a mais pra dar sorte.

– Quem escreveu a equação no meu bolo? – Perguntei já procurando por Benny e o achei ao lado da namorada do momento, uma menina baixinha e risonha que estava com a cabeça apoiada nos ombros dele. Ele piscou pra mim e eu sussurrei pra ele – Ficou lindo.

– Benny fez um molde pra gente – mamãe disse ao me passar a faca – mas também ficou de olho enquanto a gente decorava.

Entre aplausos e assobios, alguém gritou:

– Assim que acabar a segregação esse rapaz acha um bom emprego, hein!

– Guarde essa empolgação toda pro boicote – disse papai pra pessoa – Logo logo a gente tem que sair, então vamos cantar o parabéns da Desma agora.

Um bando de pardais chegou a sair voando da Nespereira quando o coro mais desafinado do mundo começou a cantar Parabéns. Papai decidiu usar a sua voz de igreja para competir com o reverendo Madders, que cantava tão bem quanto rezava. Quando a barulheira finalmente terminou alguém ainda teve a coragem de gritar: “Bis! Bis!”

Não querendo ficar pra trás, Eileen logo soltou:

“segregação, é a tua vez,  
a equação vai te mandar lá pro xadrez”

E logo todos os convidados estavam berrando a rima.

– A festa tá muito legal – disse George, e com a mão que não estava segurando o bolo pegou a minha – Ainda bem que eu vim.

Ele estava com um bigodinho de merengue que eu estava doida pra limpar mas tive que me controlar porque sabia que poderia criar um burburinho, especialmente com a Dona Charter. George pegou a dica quando percebeu que eu estava encarando e limpou o merengue, praticamente em câmera lenta. Ele sorriu de um jeito devastador e eu senti meu rosto ficando todo vermelho.

Não muito depois três grandes caminhões pararam um atrás do outro perto da garagem. Os três motoristas, Sr. Taylor, Sr. Richardson e Sr. Thomas, desceram dos veículos ao mesmo tempo, pararam em frente a eles e disseram:

– Feliz Aniversário, Desma. Estamos à sua disposição e vamos levar todo mundo pro boicote do cinema.

– Nossa, valeu Sr. Taylor, Sr. Richardson e Sr. Thomas.

– Bem na hora – disse papai – quem sabe vocês não pegam um pedaço de bolo enquanto a gente termina de arrumar por aqui?

Papai nem tinha terminado de falar e os homens já estavam na mesa onde mamãe estava a postos servindo pratos imensos não só com bolo mas também sanduíches, bolo de aipim e bolo de gengibre. Me espantei com a quantidade de comida que tinha ainda, mesmo depois de alimentar a quadra toda.

Eileen, que passou a maior parte do tempo tentando chamar a atenção do jovem pastor Timothy, do nada surgiu do meu lado.

– Eu não vou ir nesses caminhões – disse com a voz baixa e com julgamento estampado na cara – Timothy me ofereceu uma carona. Como que você vai?

Eu nem tinha pensado nisso ainda, mas a minha resposta foi imediata:

– Com a minha mobilete – E eu pensava que a gente ia juntas.

– Ótimo – ela disse com um tom de alívio na voz – Eu levo o seu cartaz. Timothy e eu cuidamos disso pra você. Vai ser impossível levar na moto mesmo. Onde que tá?

– Ainda tá onde tu e o Benny deixaram, na minha mesa.

Ela estava muito envolvida com a situação do pastor Timothy pra perceber que eu estava decepcionada. Eu não estava nenhum pouco afim de chegar no boicote em nenhum caminhão, muito menos um caminhão que dizia ‘O seu lixo é o luxo de Taylor’. Eu tinha uma mobilete que poderia muito bem me levar até lá, Eileen e eu poderíamos ir juntas pro boicote, mas eu tinha certeza que papai nunca deixaria eu dirigir sozinha até lá.

E eu estava certa.

– De jeito nenhum – disse ele enfaticamente quando eu contei meus planos de como ir para boicote. Se aquela conversa fosse uma carta, as palavras dele estariam sublinhadas várias vezes com caneta vermelha – Aqueles caminhões estão aqui justamente pra que todo mundo possa ir junto e ficar seguro. Só Deus sabe o que tá acontecendo no boicote.

– Mas você mesmo disse que era seguro. Você disse que a multidão era organizada e que ninguém estava procurando problema. Você disse!

– Não interessa o que eu disse. Você não vai pra boicote nenhum sozinha naquela mobilete.

Eu olhei chateada pros meus convidados que estavam entrando um por um nas traseiras dos caminhões. Meus olhos caíram em George a alguns metros de onde eu estava e ele não parecia nenhum pouco querer se juntar aos outros.

Alguém veio me abraçar e imediatamente eu soube que era Titia Desma.

– Hoje é o aniversário dela, Lionel – A voz dela era suave, mas certa – E ela é uma adolescente responsável, confia nela.

– Mas nem se ela já fosse uma adulta responsável. Sozinha ela não anda naquela moto. Gosto nem de pensar no que pode acontecer – papai respondeu feroz como um cachorro e eu não ficaria surpresa se ele mordesse qualquer um que discordasse dele naquele momento.

Eu olhei pro lado e vi George vindo em nossa direção. Quando ele falou, sua voz era confiante e ele olhava diretamente nos olhos de papai:

– Não se preocupe, Sr. Johnson, eu vou com ela. Eu posso acompanhar ela na Mobilete.

Um grunhido escapou da minha garganta. Não tinha chance nenhuma de papai deixar eu ir sozinha com um menino! Dona Charter sempre disse que ele era superprotetor e pela primeira vez eu concordava com ela.

– Ó, Lionel, a resposta para todos os seus problemas – Tia Desma disse sorrindo, olhando de George para papai – Esse moço tem todo o jeito de ser responsável.

– Senhor, por favor, não deixe que papai diga algo de ruim para George. Eu morreria no dia do meu aniversário. Cairia durinha bem aqui.

Uma onda de nervosismo passou por mim quando vi que papai estava escaneando George dos pés a cabeça.

– Desma tem a cabeça no lugar, então não tenho porquê desconfiar, ainda mais no aniversário dela. Até hoje ela só me deu orgulho.

Não sei se Deus age muito rápido, se Tia Desma tem algum tipo de super-poder sobre papai ou os dois, mas Graças a Deus... ou a Tia Desma.

Mesmo com essa confiança toda, ele fez questão de ter uma conversa séria com a gente sobre irmos direto pro boicote e sobre limites de velocidade. Quando ele terminou eu fui correndo tirar meu presente da garagem, me sentindo a rainha do mundo.

– Essa moto é uma belezinha – Os olhos de George brilharam quando ele tocou no paralamas e depois nos guidões – Ainda bem que eu vim de ônibus e não com a minha ‘carrocinha’.

– Melhor a gente ir logo – Eu disse tirando minha carteira de motorista de dentro do cartão de aniversário que a mamãe tinha pendurado no guidão. Alisei o documento com carinho antes de enfiar dentro do bolso da minha saia.

George se sentou na parte do motorista e eu fui subir na garupa. Ou tentar. Minutos depois eu percebi que a minha saia era grande demais e que não teria como eu sentar sem que ela ficasse presa nos aros da roda traseira.

– Quem sabe tu não veste uma legging ou algo assim mais confortável? – Sugeri George, percebendo que fiquei sem jeito. Nós dois queríamos sair logo então trocar de roupa era realmente a melhor coisa a se fazer.

Eu sabia que tinha que ser rápida já que vários dos meus convidados já tinham saído. Os caminhões foram os primeiros. Depois foi Reverendo Madders, levando também sua esposa, Timothy e Eileen. Eu tive que rir da cara de decepção dela quando percebeu que iria no banco de trás com a Sra. Madders e não com Timothy, que acabou indo no banco da frente. Eu com certeza iria caçoar de Eileen mais tarde por aquilo.

– Ah, parece bem melhor. E continua linda – Disse George com cara de quem gostou do que viu quando voltei com minha legging azul preferida. Senti meu rosto queimar de novo enquanto subia na garupa da mobilete, dessa vez com mais agilidade.

– Pode se segurar na minha cintura, eu juro que não mordo – Ele disse olhando pra trás e vendo que eu estava me segurando no banco. O calor do meu rosto poderia ter queimado as costas dele.

George nem tinha ligado a mobilete ainda quando um berro estridente chamou nossa atenção. Papai e Tia Desma estavam conversando com a Sra. Williams que parecia exasperada segurando um Willard que não parava de se refestelar no colo. As gêmeas estavam pulando pra cá e pra lá na frente da tia Desma preenchendo o silêncio com berros. A missão naquele momento da titia parecia ser impedir que a mãe das crianças achasse um jeito de afligir a palmada de castigo.

O alvoroço todo devia ser porque elas queriam ir no boicote com todo mundo. Me perguntei como a questão seria resolvida, já que boicotes realmente não eram lugar para crianças. Ainda bem que eu não tinha nada a ver com aquilo.

A gritaria acompanhou a gente da Rua Loquat até um pedaço da Rua North Shore mas não demorou muito pra que eu esquecesse do berreiro das crianças e apreciasse o jeito suave de George dirigir minha mobilete. Girlcotar aquele cinema seria uma aventura e eu mal podia esperar.